



## **LEITURA: (re) descobrindo o mundo letrado**

Aldnir Farias da Silva Leão.<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O objeto de estudo deste artigo está diretamente ligado às dificuldades de leitura nos sextos anos do ensino fundamental, numa perspectiva das escolas públicas do município de Curral de Cima/PB. Objetivando verificar as principais causas e consequências das dificuldades de leitura, apontando as possibilidades de efetivar a prática da leitura, bem como para desenvolver o pleno domínio dessa habilidade. Entende-se que o ato de saber ler é algo realmente deslumbrante e a partir da leitura descobrimos o homem contemporâneo, desvendamos o mundo, sendo essa habilidade um bem necessário. Por outro lado, sem ela o indivíduo torna-se limitado ao mundo letrado, ou seja, limitado ao conhecimento. Por isso, muitos estudiosos de Língua Portuguesa, em especial, se interessam por essa temática, que a cada dia é mais pesquisada, instigada, e nunca cessa de evoluir. Todavia, faz-se necessária a adoção de práticas educativas que corroborem para o desenvolvimento dessa habilidade.

**Palavras Chave:** Dificuldade de leitura. Ensino Fundamental. Práticas educativas.

### **1. INTRODUÇÃO**

Há grandes problemas no processo de ensino aprendizagem, os quais vêm prejudicando gradativamente a educação brasileira. Porém, um dos que mais se destacam é a dificuldade de leitura. A respeito disso, Maia (2007, p. 15) afirma que “desde o final da década de 1970, o tema tem sido objeto de reflexões em livros e revistas especializadas, em seminários e congressos, de modo que, no

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Curso de Ciências da Educação da Universidade Veni Creator University, [aldnirfarias@gmail.com](mailto:aldnirfarias@gmail.com)  
Lattes autor: <http://lattes.cnpq.br/3943684844683642>



contexto da educação brasileira, se convencionou chamar o problema de a crise da leitura”.

A partir desses estudos tentaremos verificar as principais causas e consequências das dificuldades de leitura nas turmas dos sextos anos do ensino fundamental, apontando as possibilidades de efetivar a prática da leitura nos sextos anos do ensino fundamental, bem como para desenvolver o pleno domínio dessa habilidade.

Mediante o exposto, nos abastecemos de informações relevantes para essa produção, além de pesquisas acadêmicas e diretrizes oficiais, determinadas Leis que regem nosso Sistema Educacional, também nos debruçamos em vários teóricos referenciados que já discutem essa temática, tais como: Soares (2010), Freire(2001), Solé (1998), Bamberger (1991) ,Kleiman (1989), entre outros.

## **2. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A leitura é um confronto entre o que está escrito e o que se entende do que se está lendo. É uma dinâmica entre o leitor e o autor do texto, em que o primeiro confronta e tenta compreender as ideias do segundo, e este ao escrever tenta deixar livre a compreensão para o leitor, que pode e deve chegar a suas próprias conclusões. Kleiman (1995, p. 25) diz que:

O valor do texto reside principalmente no fato de ele reunir, num texto só, variados enfoques e modelos descritivos explicativos do processo de leitura, tornando assim possível o acesso ao pensamento de teóricos de áreas de processamento da informação, da psicolinguística, da psicologia cognitiva.

De acordo com o autor supracitado (1995, p. 8) “muitos, hoje em dia, dizem acreditar na leitura como uma interação em que o leitor e autor constroem um texto. Entretanto, poucos professores ensinam a criança a ouvir o autor nessa interação”. Ensinar a ler, não é apenas ensinar a pronunciar o que está escrito, mas ensinar a interagir com o texto, invadir o mundo do autor, entender a mensagem que ele intencionou transmitir ou até mesmo a que ele nem intencionou, mas transmitiu. Para que essa prática aconteça é preciso conhecê-la e aperfeiçoá-la e



preparar-se para ir além do que está escrito. Ser capaz de interpretar o implícito e criar novos conceitos a partir do que se tem em mãos.

A leitura propicia ao indivíduo essa oportunidade de interagir com os outros e conhecer o mundo que o cerca, permitindo-o ser um ser contribuinte e ativo na sociedade que vive, para que possa cooperar para uma sociedade melhor. Desta forma, entende-se que a leitura deve ser uma prática constante na vida do indivíduo e só com essa prática ele poderá questionar interpretar, compreender e argumentar sobre o que acontece a sua volta, o que o mundo o oferece, aproveitando cada mensagem verbal ou não verbal que possa ser interpretada.

Um bom leitor será, pois, aquele que a partir de um referencial criar novas ideias, novos conceitos, atribuindo-lhe suas opiniões, seus pensamentos a respeito de determinado assunto, ampliando as informações contidas naquele texto, ou seja, aprender com a leitura. Bamberger (1991, p. 13) diz que “todo bom leitor é bom aprendiz”. Solé (1998) afirma que para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias. Ler é, portanto, muito mais que reproduzir o que está escrito, mas ser capaz de compreender o que está nas entrelinhas. Para se fazer uma boa leitura, para ser um bom leitor é preciso ter conhecimento prévio, ter uma leitura de mundo, conhecer sua realidade.

A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (FREIRE, 2001, p. 14)

Quando a criança chega à escola já traz sua bagagem cheia ou não de informações, mas seu mundo, sua realidade familiar e cotidiana, não devem ser ignoradas, pelo contrário, devem ser partilhadas e desenvolvidas na sala de aula. É a partir desse conhecimento prévio que o professor deve iniciar esse processo, valorizando cada um, cada conhecimento, trazendo para essa nova realidade, fazendo uma ponte entre o conhecimento nato, o conhecimento adquirido no meio social e o que será adquirido na instituição formal. Para Gnerre (1994, p. 61) “um problema que me parece central na alfabetização de crianças e adultos é o da



ausência e da redução extrema dos momentos e dos instrumentos teóricos e práticos para a mediação entre oralidade e escrita”.

Não fugindo da realidade da Educação Brasileira, do que se ver em algumas escolas, encontra-se, ainda, uma disparidade entre a dicotomia teoria e prática. Muitos professores fogem dessa realidade, preferindo se omitir a encarar o problema. Desta forma, a teoria que reza e que se aprende nas formações não condiz com a realidade em sala de aula. Quando deveriam ser mediadores na prática educativa, passar a ser um obstáculo na vida escolar do aprendiz, pois quando não o ajuda, só contribuirá para um fator, o fracasso escolar.

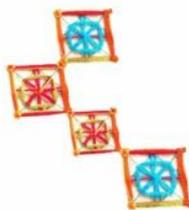
Quando se quer formar cidadãos críticos, não podemos ofuscar o brilho de nenhum, mas contribuir para que brilhe mais. Se o aluno, ao ser indagado sobre determinado assunto expor inocentemente seu pensamento, por mais simples que seja, devemos valorizá-lo, pois é a partir daí que despertaremos o desenvolvimento de aprendizado, estaremos então, dando oportunidade para que o mundo tenha futuramente um leitor crítico e preparado.

A interação, portanto, não é aquela que se dá entre o leitor, determinado pelo seu contexto, e o autor, através do texto. Essa interação se refere especificamente ao inter-relacionamento, não hierarquizado, de diversos níveis de conhecimento do sujeito (desde o conhecimento gráfico até o conhecimento do mundo) utilizados pelo leitor na leitura. (KLEIMAN, 1995, p. 31).

Segundo Solé (1998, p. 32):

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem.

Deve-se proporcionar aos alunos essas oportunidades de conhecer o mundo da compreensão e explorar seu potencial crítico, visto que ainda encontramos uma Educação dualista, dividida, que privilegia os mais favorecidos.



Já aqueles que não podem frequentar uma escola de boa qualidade, são discriminados e limitados ao mínimo de conhecimento possível.

Mesmo sendo sabedores de que a educação oferecida em algumas instituições públicas de ensino é precária, tanto na parte estrutural quanto funcional, ainda encontramos escolas públicas, professores, funcionários dessas instituições que se preocupam e se dedicam a esses alunos, que muitas vezes, no âmbito familiar não adquirem esses conhecimentos, não recebem essa atenção. Sendo, pois, necessário despertar esse interesse no aluno, e se a oportunidade está limitada a esse meio, é nele que vai adquirir essa vontade de querer aprender.

não devemos esquecer que o interesse também se cria, se suscita e se educa e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar. (SOLE, 1998, p. 43)

A responsabilidade também é do professor que está diariamente com aquela criança que, por sua vez, está com expectativas e curiosidades por um mundo novo, não podendo ser frustrada e nem seu crescimento intelectual bloqueado, mas, deve-se abrir um leque de opções para que ela busque sempre mais aprimorar seus conhecimentos e suas habilidades. Na LDB nº 9394/96 destaca-se no art. 21 que a educação escolar compõe-se de: I – educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II – educação superior.

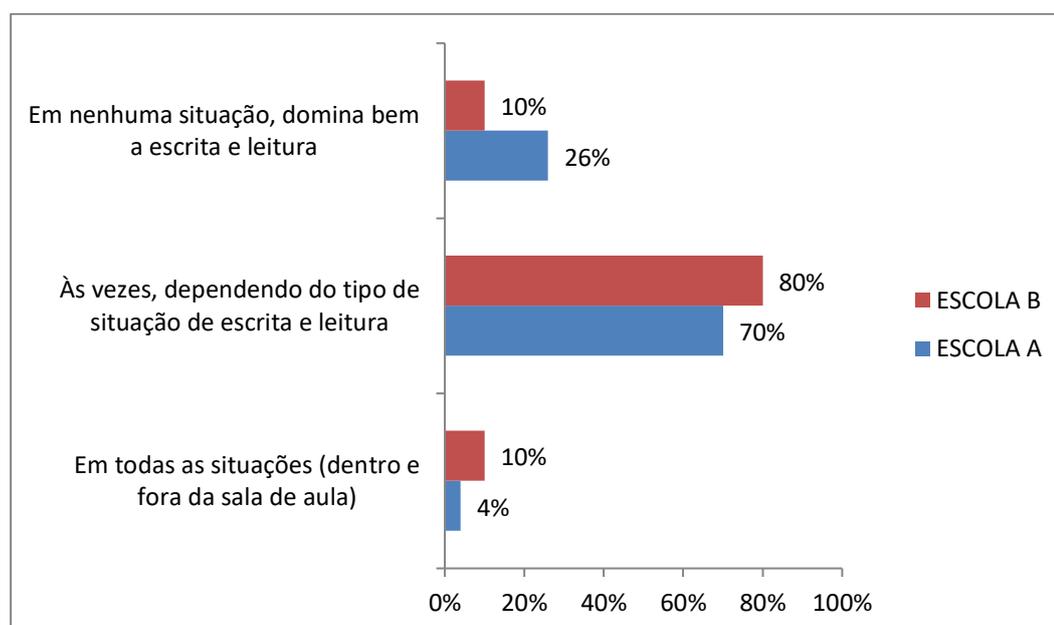
Porém, o Ensino Fundamental (EF) é subdividido em Ensino Fundamental I (EF I), que atende às crianças e aos adolescentes de 1º ao 5º ano e o Ensino Fundamental II (EF II), que atende às crianças e aos adolescentes de 6º ao 9º ano. Para o aluno que já está no sexto ano do Ensino Fundamental, essa contribuição pode ser ainda mais aproveitada, pois ele já tem mais conhecimento de mundo, de alguma forma deve-se descobrir por que esse aluno não gosta, não consegue realizar a prática de leitura e escrita. Os momentos primordiais para que ele se interesse por essa prática, é sem dúvida, desde a educação infantil até as primeiras séries do Ensino Fundamental, e que se aprimore nas seguintes.



Encontramos muita dificuldade de leitura e escrita nas séries iniciais do EF II. Quando se pensa que essas dificuldades é um problema, apenas das séries iniciais do Ensino Fundamental, nos deparamos com essa realidade gritante na educação brasileira, onde alunos do sexto ano do EF II, apenas decodificam palavras, porém não estão preparados para ler, pois não compreendem o que está escrito, tão-somente reproduzem oralmente as palavras escritas.

Observando o Gráfico 1 que trata da porcentagem de alunos que sentem dificuldade em ler e interpretar, constatamos que apenas 7% de EA afirmaram que **sim** e de EB, 5%, no entanto 74% e 81%, respectivamente, alunos de EA e EB, responderam **às vezes (depende do tipo de leitura)**, assim concluímos que os alunos sentem dificuldades quando o texto e/ou livro não estão de acordo com o seu nível de leitura, assim, concordamos com Bamberger (1991, p. 56) quando diz que “na seleção do material de leitura cumpre atender de modo muito especial para a idade e o tipo de leitura”.

**Gráfico 1** - Frequência de dificuldade em ler dos alunos da E. M. E. F. Valdevino Ribeiro (EA) e da E. M. E. F. Adelaide Fernandes (EB).



**FONTE:** Dados da Pesquisa (2019).



Portanto, ao pensarmos em momentos de leitura para os/as alunos/as devemos observar o perfil da turma, bem como o nível de cada um, se estão iniciando nesse processo, precisa ser algo atrativo, que chame a atenção por algum aspecto, não ver o leitor, apenas como ser passivo, que apenas ler o que lhe é ofertado, ativemos a Foucamber (1994, p.135) quando diz que “o leitor não é aquele que lê o livro que lhe é proposto, mas aquele que cria seus próprios meios de escolher os livros que irá ler, [...] é aquele que conhece os meios para encontrar e diversificar os textos ligados ao seu interesse”.

Porém, o que observamos é que boa parte dos alunos não estão conseguindo nem decodificar palavras, como conseguirão ler e interpretar um texto seguramente? Levando-se em consideração que esta pesquisa foi realizada com alunos dos sextos anos do Ensino Fundamental, o caso é mais crítico, por que estes já vieram do Ensino Fundamental I, onde deveriam ter adquirido estas habilidades, podendo, assim, na série seguinte, apenas aperfeiçoá-las.

Os professores que recebem essas crianças culpam os professores de séries anteriores, que por sua vez, culpam os pais por não apoiarem nem incentivarem as crianças no desenvolvimento dessa habilidade. No entanto, ao invés de passar o aluno com essa dificuldade de aprendizagem para o próximo docente, cada um deve assumir seu compromisso e resolver o problema e não ir levando a diante para que futuramente esteja bem maior. Como educadores precisamos cumprir nossa missão de formadores de cidadãos qualificados e conscientes.

Não basta o professor dizer, sou educador, mas através de nosso exercício diário comprovar que somos professores, educadores e seres humanos que tem responsabilidade e compromisso com sua missão, seus alunos. E, através de seu trabalho, receber o reconhecimento e a gratidão daqueles que se tornaram ou tornar-se-ão seres, também, importantes no mundo e para o mundo.

Muito se fala sobre a base da educação brasileira, que são o Ensino Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental I, há os que digam que se não for bem-feita, o aluno não se desenvolverá nas demais; é verdade, pois a partir do primeiro contato com esse mundo da educação formal, a criança irá criando simpatia ou apatia por essa realidade.



Após compreender que a leitura é realmente essencial para a formação do indivíduo, vários leques estão se abrindo para tratar desse assunto e tentar melhorar essa realidade negativa, porque boa parte da população não gosta e nem sabe ler, apenas reproduzem os códigos escritos. Bamberger (1991, p. 14) assegura que “em todo o mundo estão sendo feitas tentativas para melhorar o ensino da leitura, e também, através de experiências escolares e projetos de pesquisa, para verificar que métodos asseguram o maior sucesso”.

Quando se percebe a falha e se começa a buscar soluções, os problemas irão aos poucos se dissipando.

Na educação são inúmeros problemas, mas se continuarem resolvendo os já diagnosticados será mais fácil solucionar os demais, pois um está ligado ao outro. Apesar de ser perceptível que ainda há desvalorização na área da educação.

É um absurdo que estejamos chegando ao fim do século, fim de milênio, ostentando os índices de analfabetismo, os índices dos que e das que mal Oalfabetizadas, estão igualmente proibidos de ler e de escrever, o número alarmante de crianças interdidas de ter escolarização e que com isso tudo convivamos quase como se estivéssemos anestesiados. (FREIRE, 2001, p. 18)

A sociedade vê, entende e compreende o que está acontecendo, mas continua agindo suavemente, apenas passando o problema adiante. Fala-se em evolução tecnológica, cibercultura, robótica, investe-se muito nessas áreas, que vale a pena, é claro; contudo, esquecem que para tudo isso existir e contribuir para uma sociedade mais preparada e qualificada, realmente, precisa-se, primeiramente de uma educação de qualidade para todos não só na teoria, mas com muita prioridade na prática. Não se pode, pois, tentar camuflar essa realidade, mas encarar os fatos e contribuir para solucioná-los. Um outro grande motivo para tentar reverter esse quadro de submissão e humilhação é fazendo com que todos percebam a importância da educação para a vida de cada cidadão e para a vida da população.

A prática da leitura deve ser valorizada e realizada na escola, onde o aluno tem mais contato com a educação formal. Nesse ambiente ele deve ser instigado a praticar essa habilidade e torná-la constante em sua vida, pois



“aprende-se a ler e escrever lendo e escrevendo, ou seja, vivenciando situações significativas de uso da leitura e da escrita” (RANGEL e ROJO, 2010, p. 54). Assim, tendo domínio dessas habilidades, terá conhecimento de seus direitos e deveres, podendo contribuir para uma sociedade melhor, com cidadãos mais informados e conscientes.

Como nos garante a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

A educação abrange os processos formativos que desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996, p. 34)

Entende-se que a educação está a nossa volta e não é só tarefa da escola educar, mas também da família, tudo que está a nossa volta expressa um tipo de ensinamento, no dia a dia sempre aprendemos algo novo. Deve-se, pois, valorizá-la e perceber a necessidade de aperfeiçoá-la a cada dia, fazendo uso, principalmente da habilidade supracitada.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, reconhecemos que as dificuldades de leitura, apesar de já terem sido tão pesquisadas, trabalhadas e estudadas, ainda estão presentes no sistema educacional brasileiro. Conseqüentemente, se essas dificuldades não forem amenizadas e/ou sanadas, os/as alunos/as dos sextos anos, poderão até ser aprovados/as, porém não estarão preparados/as para a série seguinte, visto que não terão o pleno domínio da habilidade da leitura que liga e influencia diretamente no desenvolvimento das demais competências, escrita e interpretação, bem como em todo o processo de ensino- aprendizagem, pois a leitura é a mola mestra para que o processo aconteça significativamente.

Portanto, reforçamos a necessidade de um olhar mais focado nas leituras desses alunos, não apenas os que ingressarão no sexto ano do Ensino Fundamental, mas para todos desde as séries iniciais, visto que a leitura deve e precisa ser estimulada desde a pré-escola, ou melhor, desde os primeiros anos de vida da criança, até por que a leitura se inicia no convívio familiar, fazendo-se



uma leitura de mundo. Precisamos, portanto, impregnar o hábito da leitura desde pequeninos e implantar em nossas práticas as leituras diárias, tornando-as, assim, um hábito concludente a quem nos acompanha.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAMBERGER, R. **Como Incentivar o hábito de leitura**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 41. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado Livre, 1995.

MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

RANGEL, H.; ROJO, M. **Influência da Família na Aprendizagem Escolar da Criança: Ponto de Reflexão**. revista EXITUS | Volume 04 | Número 01 | Jan/Jun 2010.